



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES**

**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**JADE LAYLAH ANDRADE DA SILVA**

**CORPOREIDADES, TRAVESTILIDADES E CORPOS CIBORGUES: UMA  
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DE FERRAMENTAS  
BIOTECNOLÓGICAS INTEGRATIVAS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

**Acarape-Ce  
2023**



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES**

**BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES**

**JADE LAYLAH ANDRADE DA SILVA**

**CORPOREIDADES, TRAVESTILIDADES E CORPOS CIBORGUES: UMA  
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DE FERRAMENTAS  
BIOTECNOLÓGICAS INTEGRATIVAS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

**Acarape-CE  
2023**

**JADE LAYLAH ANDRADE DA SILVA**

**CORPOREIDADES, TRAVESTILIDADES E CORPOS CIBORGUES: UMA  
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA A PARTIR DE FERRAMENTAS  
BIOTECNOLÓGICAS INTEGRATIVAS NA CIDADE DE FORTALEZA-CE**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Jacqueline da Silva Costa  
(Orientadora) (UNILAB/Ceará)

## AGRADECIMENTOS

**À minha ancestralidade, que me proporcionou estar aqui apresentando, questionando e tomando os espaços da ciência a partir de uma perspectiva ancestral, decolonial e transgressora de normatividades.**

**Ao projeto da UNILAB, materialização da luta dos meus ancestrais, que me proporcionou o acesso ao ensino superior numa lógica de universidade que busca romper com a colonialidade.**

**À minha orientadora Jacqueline, pela paciência e o carinho com o qual tem me orientado, e pelas palavras de incentivo e de fé nos meus escritos, e em mim, quando até eu tinha dificuldade em fazê-lo.**

**Às minhas famílias de sangue, de Axé, e de convivências, que são muitas, as quais sempre potencializaram minhas energias dando força e ânimo para continuar na caminhada acadêmica.**

**Agradeço especialmente a todos os contributos intelectuais, corporificados nas pessoas de:**

**Vanweyne, Welton, Will, Endriga, Whalisson, Lya (que foi embora), Rodrigona, Kaléa, Borboleta, BixaPoc, Thiagona, Nairóbi, amo todas vocês, obrigada por contribuírem tanto na minha vida e me fazerem amadurecer tão rápido.**

**Agradeço ao Gean e a Pedrinha, minhas melhores amigas que em tão pouco tempo fomos estreitando os laços de uma forma tão pura e singela. Eu amo muito, muito vocês, a nossa amizade é ancestral, vocês são minha almas-gêmeas (só faltou a gean ser virginiana pra ser o ciclo perfeito).**

**À todas as outras pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida, tenho um carinho imenso por cada uma, não é que não goste de vocês, mas são muitos nomes e alguns não fazem mais parte da minha vida hoje mas passaram e deixaram suas marcas, afetos, complicações e também amor.**

**SUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b> .....	<b>13</b>
<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>14</b>
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>21</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>22</b>
<b>CRONOGRAMA</b> .....	<b>25</b>

Integre-se, pois, à corrente. Plugue-se. Ligue-se. A uma tomada. Ou a uma máquina.  
Ou a outro humano. Ou a um ciborgue. Torne-se um: devir-ciborgue. Eletrifique-se.  
O humano se dissolve como unidade. É só eletricidade. Tá ligado? (HARAWAY,  
2009, p. 14)

## 1. APRESENTAÇÃO

Enquanto uma corpa<sup>1</sup> travesti<sup>2</sup>, parda/mestiça<sup>3</sup> - de origens raciais entrecruzadas entre branco e negra - da periferia de Fortaleza, inicio este projeto, trazendo corpos que nem a minha para o centro das discussões. Não foi fácil me redescobrir enquanto uma pessoa dissidente de gênero, visto que, somos criadas a vida inteira sendo afastadas da categoria travesti, pelos inúmeros estereótipos que a palavra carrega consigo. Cresci num contexto na qual sempre foi apontada como feminina, não importava o quanto eu tentasse aderir às normas cis-hétero-normativas<sup>4</sup> de gênero.

Desde criança eu já demonstrava, através das mais variadas formas, a minha feminilidade. E todos me apontavam: tanto dentro de casa (pela minha família) quanto na rua (pelos colegas e adultos que me viram crescer e aflorar quando criança uma especificidade um tanto fora do comum). Passei a minha adolescência enclausurada dentro de uma igreja, que era um local onde eu achava que ali poderia ser o homem que a sociedade esperava que fosse. Mas, como esperar de um local estruturado sob as bases do machismo, racismo, e LGBTI+fobia que minha corpa passasse despercebida? Acredito que ali, devam ter sido feitos os comentários mais cruéis sobre mim, sem que eu percebesse, alguns até percebia.

---

<sup>1</sup> A referência é do Poema “Corpa Negra” de Maria Tereza

<sup>2</sup> Jaqueline de Jesus (2012) define a travesti como uma pessoa que, apesar de vivenciar o gênero feminino, não se reconhece como homem ou mulher, mas sim um terceiro gênero ou um não-gênero. Miskolci, define a identidade travesti como algo característico do brasileiro, especialmente das classes sociais menos abastadas e mais populares, que fazem intervenções em seus corpos e que “diferentemente das drags-queens, não vivem personagens, ainda que, como aquelas, denunciem (mesmo que sem uma intencionalidade) que o gênero é sempre construção e aprendizado” (Miskolci e Pelúcio, 2007, p. 262-263).

<sup>3</sup> utilizo o termo mestiço para me referir a pessoas com traços fenotípicos ambíguos, mas que não apresentam melanina o suficiente para serem lidas como pessoas negras (pelo menos na maior parte dos lugares em que a população preta é majoritária) e por entender que numa sociedade como a brasileira, em que não cabe o contexto de birracialização dos Estados Unidos, pessoas que têm pele bem clara podem ser lidas como brancas a depender do contexto social em que se apresentam. Na favela, por exemplo, eu não posso chegar para uma pessoa de cor preta e dizer que eu também sou uma pessoa preta, as leituras raciais no Brasil nos aproximam da branquitude, como se realmente fosse melhor ter nascido branco. Entretanto, não me refiro aqui a pessoas brancas com algum único traço negróide - como cabelo cacheado, ou uma boca com lábios mais grossos, mas sim a pessoas que apresentam dubiedade na leitura racial por apresentar mais características negróides, apesar de ter uma pele mais próxima da branca; óbvio que as leituras são passíveis de múltiplas visões: há momentos que algumas pessoas vão considerar uma negritude em pessoas do meu tipo, mas há momentos que não, e isso também têm relação com o fato de você ser aceita em determinados grupos e em outros não. Por isso, prefiro utilizar esse termo, compreendendo também que não faço parte da categoria identitária branca, mas são apenas leituras raciais que nos colocam nesse lugar de “privilegio” e que não pretendo também acionar uma negritude que não é carregada em meu corpo. A categoria parda está inclusa pois é a única categoria oficializada pelo IBGE, órgão responsável pelo censo populacional.

<sup>4</sup> A cisgeneridade diz respeito a pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. O termo, cunhado no final do século XX, possibilitou a identificação de um conjunto de pessoas, além de funcionar como “ferramenta discursiva para denunciar violências que as populações travestis, transexuais, transgêneras e não binárias estão submetidas por não se adequarem à normalidade suposta, esperada e compulsória.” (BONASSI, 2017, p.23), ou seja, o termo é utilizado para quebrar a falsa neutralidade das próprias pessoas cisgênero, sem marcação, em oposição às pessoas transgênero, que são comumente adjetivadas.

À medida que tentava forjar uma identidade que me era forçada, tentando adquirir os valores da heterossexualidade compulsória e da masculinidade, fazendo amizades com os meninos mais másculos como forma de me proteger de violências mais pesadas, entrava numa dualidade sobre quem eu era ao sentir desejo também por esses meninos. Ficar perdida em pensamentos que me consumia por dentro, diante da falácia do pecado e do que era pregado como errado (e de que iríamos para o inferno), caso sentíssemos esses desejos da carne.

Foi no limiar de 2015, no meu ingresso à Universidade, em que finalmente pude experimentar de forma mais “liberta” minha sexualidade. “Liberta”, porque recém-saída da igreja e ainda escondida da família, me afirmei como um garoto bissexual e posteriormente gay. Em menos de 1 ano minha família descobriu, e de lá pra cá os percalços que tenho seguido foram de explicitar o que estava guardado dentro de mim há anos, e que eu nunca tive a possibilidade de ser. Nesse processo me descobri enquanto bixa, categoria para diferenciar gays com comportamentos mais femininos, que não se adequam ao gênero masculino totalmente, e mais tarde, como uma pessoa não binária. Pelo menos era o que eu achava que era.

Foi em 2022, quando já estava na UNILAB, ao conhecer uma travesti de nome Kaléa, depois de passarmos algum tempo juntas trocando vivências, que ela chegou para mim e falou: mona, você é travesti! A partir daquele momento tudo começou a fazer sentido para mim; eu tinha muitas dúvidas quanto a me identificar uma pessoa não binária, e já fazia um tempo que não me sentia confortável usando roupas masculinas, nem sendo chamada pelo meu nome de registro. Óbvio que o que define uma travesti não é somente isso, existem outros aspectos que são levados em conta, e também não é meu intuito definir de forma absoluta o que é ser travesti, pois cada uma de nós tem uma singularidade que só nos diz respeito: umas se hormonizam, outras não, umas querem colocar peito, outras nem se preocupam tanto com isso, nem com cabelo, nem com a aparência física (no caso, alcançar um padrão de feminilidade maior).

Todo esse percurso me fez entender a potência do que é ser uma corpa dissidente, na qual o gênero não está aqui, nem ali, é um entremeio que define e é definido pela realidade social. Mas para que fique ciente, o modo como gostamos de ser tratadas é no FEMININO.

Partindo da realidade concreta em que travestis não estão ocupando os espaços institucionais da sociedade, como as Universidades, os trabalhos formais, as escolas (pois muitas abandonam devido às recorrentes violências transfóbicas sofridas tanto por parte de gestores aliados ao sistema que as excluem e burocratizam os processos, como pelos alunos que discriminam das mais diversas formas), e que dentro da Academia, lócus social de onde



parto, nossas vozes são silenciadas através de mecanismos de apagamento, marginalização e exclusão de nossas corpos: ao não me sentir representada por determinadas falas de professores, ou por não ter um currículo mais trans centrado, ou por não ver professores trans cotidianamente nos espaços acadêmicos.

Uma parte da minha vida foi contada, agora quero contar a verdade que outras corpos parecidas com a minha têm a dizer sobre si. Vi-me perdida na academia durante um tempo por não saber que linha de pesquisa eu queria seguir. E neste trabalho, partindo da categoria do ciborgue proposto por Donna Haraway, pretendo investigar como a incorporação de tecnologias corporais influencia na construção da identidade travesti, a partir das experiências de pessoas trans/travestis da cidade de Fortaleza.

## 2. INTRODUÇÃO

A identidade é uma categoria que esteve sempre em constante processo de mudança de significados ao longo da história, desde a sociedade tribal, na era antiga e pré-moderna, passando de uma ideia fortemente ligada a laços de parentesco, território e herança cultural, passando por uma visão religiosa na Idade Média, em que era ligada a uma religião específica; pós-surgimento da sociedade capitalista, incorpora um sentido nacional-étnico até chegar ao conceito da pós-modernidade, que estabelece a identidade como algo fluido, individualizado e múltiplo. Laclau, 1990, considera que há uma descentração, ou deslocamento, do sujeito, decorrente de uma crise da identidade, na qual se perde a ideia essencialista e fixa que se tinha do sujeito na era moderna. Ele argumenta ainda que esse sujeito contemporâneo tem como característica a diferença - são atravessadas por diferentes visões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de 'posições de sujeito'.

“Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livraram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.” (GIDDENS, 1990, p. 21).

Esse sujeito da pós-modernidade perde seu sentido estável, advindo das concepções antigas sobre identidade, e se torna um ser múltiplo, diverso, incompreensível. “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (Hall, 2003, p. 13). Não há predominância de um caráter único que abarque, por definição, o sujeito como um todo. Dessa forma, somos confrontadas a todo o momento pelos sistemas de significação e representação cultural que se multiplicam, indagando a respeito de nossas subjetividades e de quem somos.

“[...] a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2003, p.13)

A identidade, segundo Hall, portanto, não seria algo pré-existente, inerente à condição humana, mas sim formada pela articulação de contextos sociais, culturais e históricos, por meio da interação e da negociação do indivíduo com o meio social. E continua, afirmando que ela é composta por uma série de fatores que a influenciam como globalização, migração, tecnologia, mídia, a própria cultura e de seus entrecruzamentos, e são moldadas por categorias como raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade.

“Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado”. (Hall, 2011 - consultar, p. 88)

Sob a premissa de que, no mundo contemporâneo, as identidades têm sofrido uma espécie de *fraturamento*, em que as conceituações clássicas sofrem uma rearticulação significativa, pois estas são fruto da ‘experiência histórica do colonialismo, patriarcalismo e capitalismo’, as noções tradicionais de sujeito, homem, mulher, corpo, feminino, masculino perdem seu sentido original, visto que foram sempre ilusões ocidentais que colocavam num limiar de despertencimento social pessoas que não se normatizam aos ideais de gênero a serem seguidos.

“Depois do reconhecimento, arduamente conquistado, de que o gênero, a raça e a classe são social e historicamente constituídos, esses elementos não podem mais formar a base da crença em uma unidade “essencial”. Não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres. Não existe nem mesmo uma tal situação “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis”. (HARAWAY, p.47)

A partir de Chela Sandoval (s.d., 1984) é possível pensar em consciências de oposição, em que, a partir das novas demandas que surgem dentro do movimento feminista – como as reivindicações das mulheres de cor (aqui incluo também mulheres trans de cor), é possível romper as construções sociais acerca da figura masculina, branca, hétera e cisgênera – o rompimento do mito da supremacia do HOMEM, a partir da diferença, da outridade, da especificidade que cada corpo na era pós-moderna carrega em si. Esse complexo de contraditórios, inconstante, em projeção e produção à todo momento, pois é uma característica da nossa era a reinvenção. Não podemos ficar parados no tempo, esperando que o mundo dos avanços tecnológicos nos extermine, Faz-se necessário apropriar-nos das tecnologias e dominá-las antes de sermos subjugados pela era tecnocrática.

O uso do termo gênero, conceito criado pelo feminismo no século 20, a partir da análise de que a sociedade constitui formas de separação/distinção entre os grupos masculinos/femininos a partir de papéis de gênero. Para Joan Scott “todo o sistema de relações que inclui o sexo, mas não está diretamente determinado pelo sexo biológico e a sexualidade (1990, p. 07), essa visão de Scott transpassa a limitação argumentativa e discursiva de não é o sexo biológico nem a sexualidade em si que definem os estereótipos normativos de gênero, mas um conjunto de valores morais e hábitos e costumes de uma determinada sociedade – especificamente heterocentrada, cristã, patriarcal e falocêntrica.

“Gênero é a organização social da diferença sexual. Mas isso não significa que o gênero reflita ou produza diferenças físicas fixas ou naturais entre mulheres e homens; mais propriamente, o gênero é o conhecimento que estabelece significados para diferenças corporais [...]. Não podemos ver as diferenças sexuais a não ser como uma função de nosso conhecimento sobre o corpo e esse conhecimento não é puro, não pode ser isolado de sua implicação num amplo espectro de contextos discursivos.” (SCOTT, 1988 apud NICHOLSON, 2000, p.10).

Utilizo o termo travestilidade para me referir a um conjunto de aspectos simbólicos, expressivos e constitutivos dessa categoria plural, com experiências cotidianas múltiplas e singulares a cada corporeidade que afirma essa identidade. Segundo Pelúcio:

“As travestis e suas estéticas surgem como figurações nômades privilegiadas dessa dimensão ampliada das diferenças, produzindo pensamentos e ideias em oposição às estruturas binárias e sedentárias do pensamento, que se organiza pelo falocentrismo e pelas normas disciplinares e reguladoras do sistema sexo/gênero. Essa perspectiva nos dá a ideia de sujeitos como processo, como subjetividades em construção permanente marcadas por situações concretas, situadas e regidas por políticas de localização que não se fixam e nem se cristalizam em identidades acabadas e definitivas; trata-se de sujeitos em trânsitos, em fluxo, logo sujeitos *queer*.” (PERES, 2012)

Ainda que possam ser vistas dentro de um espectro de gênero binarista, as travestis transgridem as fronteiras de gênero, ao construírem, a partir de um aparato de elementos representativos dos universos feminino e masculino, a estética de gênero que mais lhe agrada. Elas passam a subverter a sua ordem biológica em busca do corpo sonhado, integrando ao corpo biológico substâncias que irão afetar seus contornos: hormônios, próteses, bloqueadores de testosterona que irão reverter características indesejadas, contribuindo para o melhoramento genético do corpo, na nossa visão. Ser travesti, é ser, contraditoriamente, um ciborgue por natureza.

Nessa conjuntura de aspectos sobre identidade e a nova ordem tecnológica que se impõe no sistema global, conduzo minhas inquietações a respeito do conceito de travestilidade, e como ele se delinea, hoje, com as constantes transformações da sociedade contemporânea.

Os ciborgues são seres que se articulam em locais híbridos, seres artificialmente humanos, ou humanamente artificiais: orgânico, humano, biológico, tecnológico, máquina, artificial; palavras-chaves que se perdem num limiar que já não mais pode ser visualizado, pois as fronteiras do que é humano e do que é inumano ou pós-humano (ciborgue) já não são inteligíveis ao modo de pensar moderno.

“O que não pode, porém, ser posto em dúvida é o fato de que o ciborgue existe. Existe nesta dimensão imaginária ou metafísica: como metáfora para os teóricos sociais, como projeto para os cientistas. Existe e arrecada milhões de dólares nas telas de cinema, quando Arnold Schwarzenegger volta do futuro para proteger um menino, como em *O Exterminador do Futuro 2*, ou quando um policial destruído a tiros por bandidos é reconstruído em titânio para combater o crime nas ruas, como em *Robocop*. Existe também como conceito artístico para o australiano Stelarc ou o brasileiro Eduardo Kac, famosos internacionalmente por debaterem em suas obras os limites – ou falta de limites – entre homem e máquina, natural e artificial, biológico e tecnológico.” (NICKEL, 2007, p. 15)

Dessa forma, a partir da ideia do corpo ciborgue (Donna Haraway, 2009) pretendo articular os conceitos de corpo ciborgue, travestilidade e tecnologias cibernéticas, de modo a pensar em como essas categorias se interseccionam na contemporaneidade, criando um organismo ciborgue travesti, dotado de elementos tecnológicos implantados e absorvidos no/pelo corpo, numa era em que se institui como estrutura de poder cada vez mais o complexo tecnológico global, e de que forma essas adaptações/ transformações no corpo reorganizam as noções de identidade na comunidade trans.

### 3. JUSTIFICATIVA

Partindo do pressuposto no qual a maioria dos trabalhos escritos sobre pessoas trans no Brasil se limitam a redesenhar os aspectos históricos do movimento, ou tratam do contexto violento em que pessoas trans/travestis vivem, pretendo realizar uma releitura tanto da perspectiva do conceito de ciborgue, quanto do que se entende pela ideia de travestilidade, atrelando esses dois conceitos de forma a ampliar as concepções sobre organismos biotecnológicos no campo dos estudos de gênero.

Este trabalho tem um caráter um tanto pessoal, pois a partir das mudanças observadas em meu corpo, e a partir de conversações cotidianas com acadêmicos dos estudos sociais, surge em minha cabeça inquietações acerca da abordagem ciborgue na contemporaneidade. Pretendo investigar de que modo as fronteiras constitutivas do gênero são dissolvidas na atualidade e analisar como, a partir da conectividade entre ferramentas tecnológicas e a experiência travesti, essas categorias se influenciam mutuamente. Entendendo também que somos seres múltiplos, me utilizo da ferramenta de análise interseccional<sup>5</sup> da realidade, sabendo que vou lidar com diferentes corporeidades, de diferentes raças, origens, classes, sexualidades, idades, e que cada uma dessas pessoas têm uma subjetividade intrínseca sobre o que é identidade.

Esta pesquisa possui relevância acadêmica, política e social. Acadêmica, pois fornece novos prismas sobre identidades de gênero e a função da tecnologia na produção dessas identidades, tendo assim um caráter inovador. Pode ser uma fonte para futuras pesquisas e aprofundamentos sobre o tema. Social e política pois investigar a configuração das identidades travestis a partir da ótica tecnológica pode ser um meio de fomentar o debate público acerca do tema, bem como ser capaz de produzir discussões relacionadas à diversidade de gênero e o uso de compostos químicos, equipamentos biotecnológicos (e outras formas de artificios extra corpóreos), na elaboração de políticas públicas para esse público.

---

<sup>5</sup> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (p. 7)

Além disso, este trabalho possui um caráter inovador, considerando a interação humano-máquina, a partir dessas identidades travestis, possibilitando a ocorrência de avanços e inovações tecnológicas que abarque a realidade das pessoas trans/travestis brasileiras, dado o nível desigual de distribuição de recursos e acesso a esses meios (tratamentos, cirurgias, acompanhamento médico-psicológico, saúde física).

#### **4. OBJETIVOS**

##### **OBJETIVO GERAL:**

- Investigar a relação entre corpos travestis e a perspectiva ciborgue, explorando como a incorporação de tecnologias corporais bem como a reconfiguração das noções de corpo influencia na construção das travestilidades na cidade de Fortaleza.

##### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

1. Explorar as origens e evolução do conceito de ciborgue, desde seu surgimento na ficção científica até suas expressões contemporâneas, estabelecendo conexões com diferentes contextos culturais, científicos, tecnológicos e filosóficos;
2. Examinar como a incorporação de tecnologias corporais desafiam as noções tradicionais de identidade, corporeidade e subjetividade;
3. Entender as experiências de pessoas trans/travestis, no contexto da cidade de Fortaleza, no que tange à incorporação dessas tecnologias corporais como hormonização, próteses, cirurgias de redesignação sexual, entre outras, verificando os impactos desses dispositivos tecnológicos na autopercepção e construção da identidade trans/travesti;
4. Refletir sobre as questões éticas envolvidas no uso de tecnologias cibernéticas no corpo humano e potencial impacto nas experiências e direitos de pessoas trans/travestis.

## 5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 5.1. PERCURSO HISTÓRICO DO CONCEITO DE CIBORGUE

As origens do conceito de ciborgue são bem recentes, datando entre as décadas de 1940-50, com a chegada da cibernética (Wiener, 1948, p. 19) (um campo interdisciplinar que tem por objeto o estudo comparativo dos sistemas e mecanismos de controle automático, regulação e comunicação nos seres vivos e nas máquinas), cientistas como Norbert Wiener e Arturo Rosenblueth - pioneiros da área - foram capazes de pensar sistemas de realimentação e sua aplicação em organismos e máquinas (KUNZRU, 2009, p. 124). Podemos observar a invenção da ideia do que seria o corpo ciborgue desde o início da era moderna, onde através da ficção científica, como no romance-terror escrito por Mary Shelley e publicado em 1818: *Frankenstein*, onde Victor Frankenstein - um estudante de ciências naturais constrói 'um monstro', *uma criatura morta viva feita com retalhos de cadáveres de pessoas e animais esquarterados*, fazendo uma aproximação entre a vida humana e seres artificiais, trazendo questionamentos, dilemas éticos e implicações sociais. Na ficção filmográfica temos dois exemplos de séries que popularizaram a ideia do ciborgue: *Ciborgue, o homem de seis milhões de dólares*, que retrata a história de um astronauta que sofre um acidente num voo experimental, tendo partes de seu corpo substituídas e conseqüentemente melhoradas em relação aos demais humanos e *A mulher biônica* (1976) que também teve seu corpo reconstruído e suas funcionalidades melhoradas após sofrer um acidente de paraquedas.

Obviamente, robôs, autômatos e pessoas artificiais tinham feito parte da imaginação ocidental desde pelo menos o Iluminismo. O legendário construtor de autômatos Wolfgang von Kempelen construiu um turco de lata que jogava xadrez, tendo se tornado a coqueluche da Europa napoleônica. O Frankenstein de Mary Shelley construiu – a partir de partes do corpo – um monstro que era ativado por eletricidade. Mesmo o épico nacional indiano, Mahabharata, escrito em torno de 300 a. C., apresentava um autômato em forma de leão. (KUNZRU, 2009, p. 123.)

Há também estudos que verificaram que a incorporação de elementos exógenos para a ampliação das funções humanas surgiu bem antes do surgimento da ciência moderna<sup>6</sup>. Foi somente no ano de 1960 que o termo tem seu uso pela primeira vez, pelos cientistas de Manfred Clynes e Nathan S. Kline, descrevendo uma entidade com elementos tanto biológicos quanto tecnológicos, com o intuito de aprimorar a forma humana ao ambiente hostil do espaço.

---

<sup>6</sup> Para um estudo mais aprofundado, consultar MOLINA, Suely Fernandes. *Ciborgue: a mente estendida de Andy Clark*. São Carlos - UFSCar, 2008. 115f. Dissertação (Mestrado) Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4828/1684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30/06/2023

“Essa dupla, formada por um engenheiro e um psiquiatra, inventou o termo ‘ciborgue’ [cyborg] (abreviatura de ‘cybernetic organism’) para descrever o conceito de um “homem ampliado”, um homem melhor adaptado aos rigores da viagem espacial. Clynes e Kline imaginavam um futuro astronauta cujo coração seria controlado por injeções e anfetaminas e cujos pulmões seriam substituídos por uma “célula energética inversa”, alimentada por energia nuclear.” (KUNZRU, 2009, p. 121.)

Eles imaginaram que através de uma associação entre humanos e máquinas, com a integração de recursos tecnológicos ao organismo humano, seria possível o melhoramento de suas habilidades. Desde então, o termo foi adotado e começou a ser usado em diferentes contextos como ficção científica, filosofia, sociologia e estudos culturais, se tornando um conceito chave para análise das relações entre humanos e tecnologia e seus impactos na identidade e experiência humana na era tecnológica.

Nos anos 60, outra área de estudos também ganha notável ‘fama’:

“Por outro lado, um campo de pesquisa também surgido nos anos 1960 e integrado, da mesma forma, aos estudos aeroespaciais, dá origem a uma abordagem alternativa dos possíveis benefícios da junção entre organismo e cibernética: a biônica. Quem propõe o termo é o Major Jack E. Steele, médico e engenheiro. Para ele, biologia, engenharia e matemática deveriam trabalhar juntas, com o objetivo de enfrentar o que ele considerava com um dos maiores desafios da tecnologia moderna: “a criação de verdadeiros servo-mecanismos, de verdadeiras máquinas-escravas transcendentais em força e intelecto, subservientes na vontade” (STEELE, [1960] 1995, p. 58).” (NICKEL, 2007, p. 35-36)

O primeiro organismo ciborgue, segundo Kunzru, foi um rato de laboratório, no qual foi injetada em seu organismo através de uma bomba osmótica uma série de substâncias químicas, que alteravam vários de seus parâmetros fisiológicos, o tornando assim em um organismo animal-máquina.

O primeiro ciborgue do mundo foi um rato de laboratório, de um programa experimental no Hospital Estadual de Rockland, Nova York, no final dos anos cinquenta. Implantou-se no corpo do rato uma pequena bomba osmótica que injetava doses precisamente controladas de substâncias químicas que alteravam vários de seus parâmetros fisiológicos. Ele era em parte animal, em parte máquina. (KUNZRU, 2009, p. 121.)

Donna Haraway, em seu ensaio *Manifesto Ciborgue* (1985), expressa a ideia do que seria essa ‘criatura pós humana’, figura que transpassa as noções clássicas de identidade, gênero, e rompe a barreira metafísica do pensamento filosófico dual, fruto do positivismo e do racionalismo científico da era moderna. A autora argumenta:



“Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.” (HARAWAY, 2009, p. 36)

Continua ainda:

“Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, “artificiais”. Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos”. (HARAWAY, 2009, p. 11)

É essa a realidade da era em que estamos. A ubiquidade do ciborgue: a interpenetração entre seres naturais e seres artificiais, coloca em questionamento os limites entre tecnologia-sociedade, natureza-cultura; as fronteiras convencionais do que entendemos por identidade, organismo, humanidade, estão sendo dilaceradas pelo crescente entrelaçamento das relações tecno-humanas. Presenciamos uma nova modalidade de seres que podem apresentar corpos naturais com inteligência artificial, ou corpos artificiais com inteligência natural, ou ambas as características, advindas da junção de técnicas médicas, bio-psico-farmacêuticas, de engenharia robótica e genética, biomecânicas, nanotecnológicas, neurocientíficas.

“A figura do ciborgue hoje não é mais uma imagem que aparece apenas no cinema, ou que é empregada apenas por médicos e engenheiros que realizam pesquisas de ponta, ou por teóricos da cultura que pretendam trabalhá-la como metáfora do entrelaçamento entre homem e tecnologia. Ela aparece também nos meios de comunicação tradicionais de massa, como jornais ou revistas de grande circulação e projeção, geralmente em referência a pesquisas em diferentes áreas da medicina, que pretendem restaurar ou amplificar o corpo humano.” (NICKEL, 2007, p. 9)

Para Haraway, os ciborgues são uma possibilidade de superar as limitações do corpo humano (extensões da existência humana), e de transcender as noções convencionais que dicotomizam seres orgânicos de seres artificiais. Além disso, podem ser utilizadas para as mais diversas funções, como:

“[...] as tecnologias ciborguianas podem ser: 1. restauradoras: permitem restaurar funções e substituir órgãos e membros perdidos; 2. normalizadoras: retornam as criaturas a uma indiferente normalidade; 3. reconfiguradoras: criam criaturas pós-humanas que são iguais aos seres humanos e, ao mesmo tempo, diferentes deles; 4. melhoradoras: criam criaturas melhoradas, relativamente ao ser humano.” (Gray, Mentor e Figueroa-Sarriera, 1995, p. 3)

Dispositivos wearables (fones de ouvido inteligentes, smartwatches, óculos de realidade virtual), próteses e implantes médicos, Interfaces cérebro-máquina (ICM),

inteligência artificial, redes sociais, tudo isso, se tornam extensões da experiência humana, constituem o que hoje, na nossa era, pode-se entender por ciborgue.

“Implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros. Clones. Seres “artificiais” que superam, localizada e parcialmente (por enquanto), as limitadas qualidades e as evidentes fragilidades dos humanos. Máquinas de visão melhorada, de reações mais ágeis, de coordenação mais precisa. Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. Realidades virtuais. Clonagens que embaralham as distinções entre reprodução natural e reprodução artificial. Bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humano-elétricos”. (HARAWAY, 2009, p.12 e 13)

Dessa forma, entendo que a construção desse corpo ciborgue não apenas parte de uma fantasia imaginada por cientistas do século passado e que vem sendo recriada/reconfigurada, como também, representando um ser não tão distante como se imaginava, se dá na teia das relações sociais atuais, sendo nós mesmas expressões desse devir-ciborgue. Segundo Lemos:

“[...] os corpos trans, assim como os queers, que rompem as barreiras do gênero, que se utilizam da tecnologia para modificarem seus corpos na transgressão, tanto do gênero, quanto do sexo, que cruzam a fronteira do que é “natural” é algo que permite a definição como corpos ciborgues.” (CAVALCANTI, 2020, p. 11)

“No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica.” (HARAWAY, 2009, p. 37)

Presenciamos ambas as visões acerca do futuro tecnológico, relacionado a essas incorporações maquina-humanas na sociedade que se desdobra.

“Estas correntes, de um lado, contam com teóricos que “apresentam as novas tecnologias como nossa salvação, elas resolveriam todos os nossos problemas” ou, de outro, seus representantes “vêm a tecnologia como nossa maldição, demonizando-a como a maior fonte de problemas da era atual.” ([2006?], online, p. 1-2).

Cabe a nós, como pesquisadores das ciências humanas, nos reinventarmos e não estacionarmos no tempo, pois é nítido que o campo das Humanidades enfrenta uma crise paradigmática, sobretudo por não nos atermos a conceitos de outras áreas que estudam o corpo e reinventam dispositivos, conceitos, modos de operar, ferramentas biomecânicas, aparatos tecnológicos como forma de recriar o humano, ou o que se entende hoje por pós-humano. Necessitamos ser capazes de nos aliar aos pressupostos das ciências

tecnológicas para não sucumbirmos ao ‘estatuto de mortificação’ das Humanidades. Falo isso não com a intenção de celebrar um possível triunfo da máquina sobre o natural, pois como sabemos, a “evolução biológica” nos levou aos desastres ambientais, ao esgotamento dos recursos naturais, ao estilo de vida doentio que nossa sociedade vive, ao aviltamento das vidas marginalizadas em favor de uma economia excludente que cada vez mais impulsiona o lucro da elite mundial, mas como uma forma de tentar enxergar um mundo possível em que nossas corpos possam existir.

## 5.2. TRAVAS ELÉTRICAS E UM DEVIR-CIBORGUE

Ao montarem seus corpos, à base de hormônios, bloqueadores de testosterona, intervenções cirúrgicas, apliques de cabelo e toda sorte de “acessórios corporais” ligados ao universo feminino, temos a capacidade de criar sobre si um ser imageticamente que desmonta os princípios fundamentais que originam o pensamento essencialista de gênero, sendo nós mesmas criadoras e criaturas, seres obstinados a desregular os paradigmas de gênero imposto pela matriz heterossexual branca-ocidental. Nesse ponto, me alio às ideias de Preciado, quando o mesmo afirma que:

“O dispositivo de subjetivação que podemos reconstruir a partir da teoria hormonal do início do século XX é um conjunto de redes institucionais e técnicas em que se reproduzem artefatos vivos e que adquirem reconhecimento político em determinado contexto cultural.” (PRECIADO, 2018, p.174).

Sobre a auto regulação dos corpos travestis, o autor segue dizendo:

“Essa nova forma de poder articula-se de maneira a se transformar no próprio corpo, de modo que os tornam inseparáveis, isto é, “o corpo já não habita espaços disciplinares, mas é habitado por ele” (PRECIADO, 2018, p.86)

Se o poder, como em Foucault (1979), pode ter sua característica híbrida, relacional, fluida, este passa das mãos das ciências médicas para a aplicação por si mesmas de hormônios que vão construir essa identidade travesti em ascensão, desfazendo o complexo sexo-gênero que governa os pressupostos biotecnológicos, como forma de reapropriação e hackeamento de um sistema burocrático que acaba por dificultar o acesso de travestis ao tratamento hormonal e acompanhamento médico. Travestis têm suas técnicas de sobrevivência, desde muito antes, ou não estaríamos vivas, pois o que vemos é um processo

de apagamento e aniquilamento, por parte das necropolíticas do Estado, das identidades trans/travestis.

De acordo com as ideias de Preciado (2018),

“a constituição de nossas subjetividades se vinculam às tecnologias do mundo pós-moderno, visto que, qualquer substância bioquímica, midiática ou que leve a uma alteração corporal como uso de próteses ou aparelhos de audição para surdos e de visão para cegos, nos transforma em corpos ciborgues.” (PRECIADO,

A partir dessas considerações, é fundamental que pensemos em como essas práticas de construção corporais se situam como uma ferramenta de negação de dualismos metafísicos em busca de uma corporeidade nova, que ultrapassam as barreiras do que se entende por gênero atualmente. O modelo do sistema sexo-gênero-sexualidade imposto não dá conta de explicar as vicissitudes de corpos travestis ciborgues na era pós-moderna; nós como substância maquínico-orgânico transgressoras por natureza, não agimos pela conformidade social, pelo contrário, infringimos todas as regras de gênero impostas.

O modelo do robô catalisa as contradições e os paradoxos da metafísica tradicional: natureza / cultura, alma / corpo, divino / humano, humano / animal, macho / fêmea. (PRECIADO, 2018)

As discussões éticas que envolvem o pressupõem uma supremacia sobre a natureza humana, como se tornar um próprio deus machina. É importante que enquanto cientistas sociais, essas discussões sejam levadas em conta, pois as transformações a que a sociedade contemporânea passa, está cada vez mais nos aproximando de uma pós-humanidade tecnocrata branca, onde só alguns poucos terão acesso às novas formas de vida que estão sendo programadas nessa nova era.

“[...] que este tipo de conhecimento pretende exercer um controle total sobre a vida, tanto humana como não humana, e superar suas ambíguas limitações biológicas, inclusive a mais fatal de todas elas: a *mortalidade*. Logo, este seria o mote dos atuais discursos da tecnociência, ou seja, “o fim da morte”, o que leva à autora, jocosamente, a questionar: “estaria então, a própria morte ameaçada de morte?”, criando tecnologias da imortalidade.” (BARRETO, 2010, apud SIBILIA, 2005)

Junges afirma que a bioética “torna-se imprescindível em um mundo no qual ocorrem tantas mudanças tecnológicas que implicam e, em alguns casos, interferem na vida. A preocupação central desse autor é de que deve ser levada em conta perspectivas holísticas sobre a vida e sobre o futuro da humanidade.

“[...] a Bioética pretende ser um fórum de discussão sobre os problemas éticos das ciências da vida e do cuidado da saúde e uma busca de balizas éticas e jurídicas que protejam e promovam a vida humana e garantam a sobrevivência do ecossistema vital”. (JUNGLES, 1999)

Assim como uma série de outras perspectivas acredito que há muito ainda a se debater acerca das limitações éticas dessas tecnologias incorporadas ao corpo humano, principalmente no que tange corpos travestis. São vários os aspectos que subjazem esse debate, como a questão de raça, classe, acesso, segurança, tratamento, entre outros. Meu intuito enquanto pesquisadora travesti é analisar as formas que esses aspectos se entrecruzam nas relações sociais entre pessoas trans/travesti, para assim contribuir no debate da temática e fomentar discussões no debate público.

## 6. METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada possui uma abordagem qualitativa, a fim de obter melhores resultados no que tange à observação dos dados apurados. Nesse tipo de pesquisa busca-se compreender e interpretar fenômenos humanos e sociais através da análise detalhada e aprofundada dos dados.

“Diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A autora defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo”. (Minayo (1994), 2000)

De início, irei fazer um levantamento bibliográfico acerca do tema e dos conceitos, a fim de melhor compreender e conceituar o objeto em questão. Também no decorrer da pesquisa, me utilizarei da etnografia, onde eu poderei aproveitar melhor, através de diversos meios como a captura de imagens, gravações de áudios, conversas cotidianas, observações, com a intenção de formular um estudo que parta dos princípios interdisciplinares (TONET, 2013) como valorização a uma forma de conhecimento que não seja fragmentada em contraposição a uma epistemologia que privilegia as produções acadêmicas clássicas, me proponho a olhar por uma ótica imersiva e radical a contribuição de autores que se localizam ao centro-sul do sistema-mundo, como forma de privilegiar as produções que ainda

enfrentam embates para se estabelecerem como cânones acadêmicos. (método interdisciplinar)

Em relação à minha pesquisa, procuro trazer para a ordem do discurso as experiências de outras pessoas trans/travestis, pretendo falar ‘de nós para nós’, já que “as (auto)biografias dão conta de processos de criação e recriação de tramas e dramas de sociabilidades e da construção das múltiplas identificações e identidades individuais e coletivas” (GOMES, 2020, p. 78). Desse modo, através da conexão de saberes e diálogos intra comunidade, pretendo articular teorias de gênero, estudos sobre tecnologia, a partir de um olhar dos estudos decoloniais para desenvolver a pesquisa “compreender as narrativas como resultado de práticas cotidianas as quais, por sua vez, podem ser vistas como históricas e denunciam as regras que as governam e as produziram” (CAETANO, 2016, p. 33).

Desse modo, é importante problematizar as representações sociais e práticas discursivas imbricadas no papel de educadoras e ativistas, enquanto travestis pesquisadoras e que carregam a causa trans como ideal político e identitário.

## 7. REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Coleção Sujeito e História, 1999.

CASTELLS, Manuel. **The Rise of the Network Society. Volume I. The Information Age: Economy, society and culture**. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

CAVALCANTI, Roberta Moura et al.. **Entre o barroco e o ciborgue: a construção de um corpo trans**. Anais do I CONEIL... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72023>> . Acesso em: 05/03/2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Tradução de Liana Schneider. Estudos Feministas. 2002, vol.10, n.1, p.171-188.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais**. Ideação, v. 10, n. 1, p. 41–62, 2010. Disponível em:

<https://erevista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143/3188> Acesso em: 01 de março de 2023.

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2003.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue: as Vertigens do Pós-Humano**. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

JUNGES, José Roque. **Bioética: perspectivas e desafios**. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

KELLNER, Douglas. **New Technologies and Alienation: Some Critical Reflections. [2006?]**. Disponível em: <<http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/essays/technologyalienation.pdf>>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

KUNZRU, Hari. **Genealogia do Ciborgue**. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do Ciborgue: as Vertigens do Pós-Humano**. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed.. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 119-126.

KURZWEIL, Raymond. **Seremos todos cyborgs**. Entrevista concedida a Bel Moherdau. Veja, São Paulo, n. 1982, p. 11-15, 15 nov. 2006.

LACLAU, E. **New Reflexions on the Resolution of our Time**. Londres: Verso, 1990.

LANZ, Leticia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Curitiba, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná.

LEMOS, A. **BodyNet e netcyborgs: sociabilidade e novas tecnologias na cultura contemporânea**. In: RUBIM, Antonio Canelas Albino; BENTZ, Ione; PINTO, Milton José (Orgs.). **Comunicação e sociabilidade nas culturas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2014

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**; tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. -- São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **TEXTO JUNKIE: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. 1º Ed. n-1 edições, 2018.

ROBINS, K. **Tradition and translation: national culture in its global context.** In: Comer, J. and Harvey, S. (orgs.), *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture.* Londres: Routledge, 1991. apud Hall

RUDIGER, Francisco. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANDOVAL, Chela. **Yours in struggle: women respond to racism, a report on the National Women's Studies Association.** Oakland, CA: Center for Third World Organizing, [s. d.].

SIBILIA, Paula. **El Hombre Postorgánico. Cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

STEELE, Jack E.. **How do we get there?** In: GRAY, Chris Hables; MENTOR, Steven; FIGUEROA-SARRIERA, Heidi J. *The Cyborg Handbook.* Nova York: Routledge, [1960] 1995. p. 55-59.

TONET, Ivo. **Método Científico: uma abordagem ontológica.** São Paulo: Instituto. Lukács, 2013,

WESTWOOD, S.; WILLIAMS, J. **Imagining Cities: Scripts, Signs, Memory.** London: Routledge, 1997.

WIENER, Norbert. **Cybernetics: or the control and communication in the animal and the machine.** Massachusetts Institute of Technology, 1948.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero.** Revista Estudos Feministas, v.8, 2000.

NICKEL, Barbara. **Faces do eu ciborgue: elementos para o estudo do imaginário tecnológico contemporâneo em Mitchell, Warwick, Mann e Chorost.** Porto Alegre, 2007. 119 f. Diss. (Mestrado em Comunicação Social) - PUCRS, Fac. de Comunicação Social.

PERES, W. S.. Travestilidades nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. **Revista Estudos Feministas**, v. 20, n. 2, p. 539–547, maio 2012.



## 8. CRONOGRAMA DE TRABALHO

### CRONOGRAMA

ETAPAS	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 4	Mês 5	Mês 6
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X	X	
Revisão do Projeto			X	X		
Revisão e redação final					X	
Entrega do projeto final					X	
Defesa de TCC						X